

A SITUAÇÃO INTERNACIONAL E A LUTA DOS POVOS¹.

Por Durval de Noronha Goyos Júnior²

Com o final da 2ª Guerra Mundial, os Estados Unidos da América (EUA) emergiram como a principal potência econômica, financeira, militar, política e tecnológica no planeta. Assim, os EUA influenciaram de maneira quase que absoluta a formatação da nova ordem jurídica internacional e têm poder de veto em todos os organismos multilaterais, à exceção da Organização Mundial do Comércio (OMC). Não obstante, o multilateralismo foi e continua a ser uma grande esperança para a convivência pacífica entre os Estados.

Os EUA, com o seu poderio e capacidade de indução, organizaram uma rede de aliados clientes, sátrapas em realidade, mediante a qual buscam os seus objetivos estratégicos e aplicam suas doutrinas econômicas com o objetivo de tirar vantagens várias para suas empresas de serviços, notadamente as financeiras, de tecnologia e de armamentos.

Esta rede de clientes é composta, num primeiro grupo, pelo Reino Unido, França, Alemanha, Japão e Canadá, que ademais integram o sistema de defesa dos EUA. Israel também poderia ser situado aqui.

¹ Intervenção feita por ocasião da Festa Avante, do Partido Comunista Português, em Lisboa, no dia 5 de setembro de 2020.

² Representante do Partido Comunista do Brasil. O autor é advogado no Brasil, Inglaterra e Portugal, escritor e professor de direito internacional público. É colunista do Portal Vermelho e conselheiro da Fundação Maurício de Grabois. É árbitro do GATT, da OMC e da CIETAC (Xangai e Beijing)

Num segundo grupo, pode-se colocar os países nórdicos, acompanhados da Holanda e Bélgica. Da mesma maneira, aqui se situam Portugal, Itália, Grécia, Espanha e Irlanda, quase todos aliados militares, à exceção do último.

Um terceiro grupo de Estados clientes dos EUA situa-se na Europa Oriental, dentre alguns países que compuseram a extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) ou estiveram em sua área de influência. Aqui também pode-se inserir as antigas colônias produtoras de petróleo do Oriente Médio.

Uma quarta turma é composta de alguns estados latino-americanos, como o Brasil, México e Colômbia. Aqui também podemos situar os estados africanos subsaários, que merecem pouca ou nenhuma atenção do Império.

Outro agrupamento pode ser composto na Ásia e Oceania, onde certas ex-colônias britânicas, a Austrália e a Nova Zelândia, em particular, alinham-se aos EUA, como também a Coreia do Sul. A Índia, ex-colônia britânica, procura-se manter independente, caso também nos dias de hoje da Argentina, na América Latina.

Em oposição a este cenário apresentam-se hoje propugnando por um mundo multipolar e pela observância dos princípios básicos de relações internacionais, incluindo o de não intervenção, a República Popular da China e a Rússia. Estes Estados, todavia, estão em certo sentido limitados pela ordem jurídica iníqua do pós-guerra. Juntamente com eles, alinham-se Cuba, o Irã, a Coreia do Norte, a Venezuela e a África do Sul, dentre outros.

Esses são designados inimigos do Império. A China, em particular, tornou-se o alvo favorito dos EUA após os seus grandes sucessos obtidos nas áreas econômica, social, política e de cooperação internacional, nas últimas décadas. Por sua vez, a

heroica Cuba continua a resistir um bloqueio tanto desumano como ilegal e, apesar dos seus efeitos devastadores, continua a emprestar solidariedade e assistência humanitária a diversos países, pobres ou mesmo ricos.

As características basilares da ordem internacional hegemônica imposta pelos EUA e seus Estados clientes são:

- a) O livre exercício arbitrário das próprias razões pelos EUA;
- b) A aceitação incondicional de tal posição pelos seus aliados;
- c) A repulsa aos inimigos estratégicos: China, Rússia e demais;
- d) A prevalência do neoliberalismo e a preponderância dos interesses do capital bancário e financeiro internacional sobre aqueles dos povos;
- e) O livre acesso, pelos EUA dos mercados de serviços e de bens dos terceiros países;
- f) O reconhecimento da tecnologia dos EUA, inclusive na área de saúde, e sua remuneração nos termos impostos;
- g) O reconhecimento e submissão à aplicação extraterritorial da lei interna americana pelos EUA;
- h) O livre acesso das empresas dos EUA à exploração dos recursos naturais dos terceiros países;
- i) O direito de eleger quem desejar, desde que seja um cumpridor dos postulados aqui elencados;
- j) O impedimento da celebração de acordos estratégicos com os Estados percebidos como inimigos; e
- k) A não discriminação do capital estrangeiro em favor do nacional.

Não há esperança para um mundo melhor sem a cooperação internacional e sem o afastamento do hegemonismo.